



Transmissão do saber e relações sociais nas práticas musicais das bandas civis de música

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Robson Miguel Saquett Chagas

Universidade Federal de Minas Gerais – robmsax@gmail.com

Glaura Lucas

Universidade Federal de Minas Gerais – glaura@musica.ufmg.br

Resumo: O presente artigo discute as formas empregadas na transmissão do saber nas bandas civis de música e as relações sociais presentes no âmbito das práticas musicais destes grupos. A discussão se apoia nos trabalhos mais recentes sobre bandas civis e nas observações advindas da pesquisa “Tradição e Inovação no Repertório das Bandas de Música” que está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

Palavras-chave: Banda civil. Transmissão do saber. Relações sociais. Práticas musicais tradicionais.

Knowledge Transmission and Social Relations in the Musical Practices of the Wind Bands

Abstract: This article discusses forms of knowledge transmission in Wind bands and the social relations developed within these groups’ activities. The discussion is based on the main scholar works concerning wind bands and on the observations arising from the research “Tradição e Inovação no Repertório das Bandas de Música”, which is being developed in the graduate program on music at the Federal University of Minas Gerais.

Keywords: Wind band. Knowledge transmission. Social relations. Traditional musical practices.

1. Introdução

Grupos com formação instrumental à base de instrumentos de sopro e percussão podem ser encontrados em diversas partes do globo, sendo comum a utilização do termo “Banda” na denominação de tais grupos. No Brasil, um bom exemplo são as bandas civis de música, conhecidas em geral como: “Lira”, “Filarmônica”, “Associação”, “Corporação” ou “Banda Musical”, e que “têm como modelo as bandas musicais da Europa” (BENEDITO, 2005: p.7).

As bandas de música são fontes ricas para a abordagem de diversos temas, pois representam uma tradição cultural com características próprias que dialogam com as transformações ocorridas na sociedade. Dentre estas características, podemos destacar a importância e o potencial que as bandas têm enquanto formadoras de músicos instrumentistas, profissionais ou não. Em função de sua origem e do instrumental utilizado, seus referenciais sonoros e de transmissão em geral se apoiam em valores estéticos e sociais herdados do universo da música de concerto. No entanto, a especificidade tradicional de seu repertório, e

de sua prática social de performance – nas ruas e em deslocamento espacial – fez emergir necessidades e interesses estéticos próprios, os quais envolvem igualmente, processos de transmissão também específicos. Observam-se, assim, mecanismos e formas próprias de transmissão, que nos remetem a processos formais e não formais de ensino e que se estendem aos ambientes nos quais se dão as performances. Esse potencial surge como reflexo de uma demanda normal por uma constante renovação do quadro de músicos, essencial para garantir a continuidade das atividades ao longo dos anos. É através da banda que alguns músicos têm um contato com o ensino musical, muitos dos quais acabam por fazer da música uma profissão: “no Brasil, desde o século XIX, muitos músicos de orquestra saíram das bandas” (REILY, 2008: p.30). Vale ressaltar que estes músicos raramente perdem o seu vínculo ou deixam de participar das atividades das bandas durante o caminho que trilham em busca de uma profissionalização. No entanto, por diversos motivos, muitas bandas vêm encontrando dificuldades em atuar na formação de novos músicos. RODRIGUES destaca que a preocupação de maestros e líderes das bandas “muito à frente de qualquer outra necessidade material, é com o ensino e aprimoramento musical dos integrantes das bandas, além da formação de novas gerações de músicos para a renovação de seus quadros” (RODRIGUES, 2008: p.88). É diante desta realidade que surgem diversas pesquisas com foco nos modelos de ensino adotados por bandas de música, buscando identificar, descrever e até propor novos modelos e métodos para a formação de novos músicos, considerando-se a especificidade de sua performance social e, ao mesmo tempo, o diálogo que mantêm com os processos formais de ensino e aprendizagem.

Portanto, entendendo que as funções e atividades desenvolvidas por bandas de música garantem a existência de processos importantes, tais como o de formação de novos músicos, este artigo pretende discutir as relações sociais presentes em uma banda de música e as formas empregadas na transmissão do saber. A discussão será conduzida com base nas observações advindas da pesquisa em andamento: “Tradição e inovação no repertório das bandas de música”, que têm como referência de pesquisa a banda denominada Escola de Arte Musical de Raposos. A pesquisa está sendo desenvolvida a partir de uma perspectiva etnomusicológica, considerando-se, portanto, o seu repertório e suas performances como expressão cultural e prática social, impregnada de significados construídos socialmente pelo grupo. Trabalhos atuais sobre bandas de música também serão utilizados para dialogar com as observações da pesquisa em evidência.

2. Relações sociais na prática musical

Tratar de questões que envolvem os procedimentos adotados pelas bandas na transmissão do saber exige uma reflexão sobre as relações sociais existentes nestes grupos, relações que estão presentes nas diversas atividades que estas desenvolvem e que se estendem do processo de formação musical aos momentos de ensaios e apresentações. Há nas bandas um ambiente no qual as relações sociais se aproximam muito da concepção de uma família, relações que geralmente têm como ponto de partida o status de aluno e que ampliam à medida que se cumprem as etapas do processo de transmissão do saber, o qual será descrito no próximo tópico. É este ambiente familiar que promove o bem estar dos músicos e garante a perpetuação das atividades por várias gerações. Prova disso é a existência de netos e bisnetos do fundador da Escola de Arte Musical de Raposos compondo o quadro atual de músicos da banda.

Para FAGUNDES “As bandas de música se apresentam como verdadeiros polos educacionais como consequência do aspecto social. Esses grupos musicais formam um grande número de músicos, sendo um importante contexto de ensino-aprendizagem” (2010: p.19). Seja por admiração pela banda de música, por um instrumento, ou por incentivo de familiares ou músicos, as pessoas se lançam na proposta de estudar música e se tornar um membro da banda e quando obtêm sucesso em sua jornada são promovidos ao que podemos chamar de membro oficial do grupo. Durante as primeiras etapas do processo de transmissão do saber, o contato com músicos da banda em muitos casos se restringe apenas a audições de ensaios e apresentações, ficando as relações de amizade contidas no ambiente da escola, entre alunos e o professor designado pela banda para a formação de novos músicos.

Se tornar um músico da banda tem um significado bem maior do que simplesmente ter concluído o processo de ensino e estar apto a ensaiar. Se tornar um músico da banda significa se tornar um membro da família, somar forças em prol da realização de atividades que motivam e garantem a presença de todos no grupo ao longo de suas vidas. No momento em que se atinge o status de membro oficial do grupo o contato e as relações com os componentes da banda ampliam consideravelmente. Ao longo deste curso as relações sociais se consolidam e o músico passa a ser peça importante na manutenção das atividades, garantindo a continuidade da banda. Estes músicos se reúnem constantemente por diversos motivos nos quais o fazer música é o principal objetivo.

Em geral, as bandas têm uma atuação intensa na cidade e, portanto, se envolvem em muitas atividades ao longo do ano: eventos festivos da cidade, alvorada,

comemorações religiosas, carnaval, bailes, datas históricas, dentre outros. Tudo isso implica longas jornadas de ensaios que são atividades internas inerentes ao exercício das apresentações (FAGUNDES, 2010: p.19).

Diante desta realidade de intensas atividades podemos nos questionar sobre quais fatores motivam e fazem com que os membros da banda estejam sempre ali reunidos mantendo viva esta tradição musical, mesmo diante das diversas atividades e compromissos que a vida lhes impõe, mesmo alguns estando já com idade avançada e muitas dificuldades para manter sua prática instrumental, mesmo sem uma recompensa financeira. Talvez a resposta para tal questionamento esteja no ambiente familiar, no reconhecimento da importância que têm como membro do grupo, na garantia de manutenção de uma tradição cultural e muitas vezes até familiar, como no caso da atuação de netos e bisnetos do fundador da Escola de Arte Musical de Raposos, ou até mesmo por se sentirem importantes ao proporcionar algo significativo para a sociedade. Podemos ainda, encontrar repostas na própria música que estas pessoas produzem, entendendo o fazer coletivo como expressão profunda de sentimentos e identificação, através do qual se amplia o sentimento de pertencimento a um grupo, uma família.

Vimos então que se tornar um músico da banda e com isso participar ativamente na atuação do grupo instiga um sentimento de pertencimento, sentimento que garante a permanência do músico no grupo por longos anos. Resta agora destacar o respeito e reconhecimento dado aos músicos mais experientes, músicos que geralmente se encontram na formação da banda há muito tempo. RODRIGUES, ao destacar o perfil dos componentes de algumas bandas afirma que “é também predominante, em seus quadros, o número de pessoas mais idosas” (2008: p.88). Estes músicos geralmente possuem certas dificuldades tais como dificuldades para afinar os instrumentos, ler partituras e obter certo controle de dinâmica, o que não gera ao músico um status de passadismo ou uma relação de desconforto com os mais novos, sendo comum a admiração pela experiência de tais figuras, seja no conhecimento de repertório ou de histórias importantes da formação e construção do grupo. Tudo o que foi encarado aqui como dificuldade pode ser entendido como resultado de um padrão estético em relação à prática instrumental que dialoga diretamente com as atividades que a banda desenvolve.

A sonoridade agressiva, forte e penetrante das bandas está relacionada com sua atividade social. Se estão na rua puxando uma procissão, a intenção é que todos os que estejam na procissão ouçam o chamado dos trompetes, a marcação da percussão e das tubas e os solos de outros instrumentos que compõem o grupo, não interessando se o som sairá cheio, redondo, com vibrato ou sem vibrato, mas,

interessando ser ouvido e, de alguma forma, passar a mensagem. (FAGUNDES, 2010: p.67).

Podemos concluir que existem dois momentos nos quais as relações sociais se fazem importantes. A primeira está diretamente ligada à vivência do aluno, que cria laços dentro de um ambiente do qual fazem parte o professor, alguns músicos da banda e os demais alunos. O último e mais prolongado momento é alcançado ao se tornar um membro oficial da banda, momento no qual a pessoa se torna parte de uma família, passa a ser figura frequente nos encontros para ensaios e apresentações, cria laços com pessoas com características distintas, porém com uma dedicação e amor a uma tradição musical tão viva e tão importante em nossa sociedade.

3. Formas de transmissão do conhecimento

Encontramos nas bandas, fatores de interesse para uma abordagem focada na identificação das formas de transmissão do saber, que nas bandas possui forma própria e que se diferencia em alguns pontos dos modelos geralmente adotados por conservatórios e escolas de música. É através da banda e de seu modo de transmissão do saber que muitas pessoas têm um primeiro contato com o aprendizado musical, sendo que algumas delas acabam migrando e experimentando outros ambientes e formas de produção musical: “Os metais, desde o século passado, são no Brasil instrumentos populares, cujos músicos são recrutados nas camadas desfavorecidas da população, músicos cuja formação não é feita nos conservatórios mas no exército ou nas bandas de música.” (SANDRONI, 2001: p.218).

Mesmo sabendo das particularidades de cada grupo, podemos afirmar que as formas empregadas na transmissão do saber são amplamente difundidas e estão diretamente ligadas à função social da banda. Porém, como nenhuma cultura é estática, é louvável considerar que as bandas vêm passando por constantes transformações, incluindo transformações no âmbito da transmissão do saber, talvez numa busca por modelos que sejam mais atrativos diante da sociedade e que possam despertar cada vez mais o interesse das pessoas. É nesta linha de pensamento que muitos estudos buscam mapear os processos que de certa forma predominam no ensino da música nas bandas brasileiras. Uma descrição objetiva e que espelha bem a realidade das bandas brasileiras foi feita por BARBOSA, na qual ele dividiu o processo de ensino e aprendizagem em três fases consecutivas:

Na primeira, o aluno aprende leitura musical, focando divisão rítmica e não o solfejo. Nesta fase predomina o uso do método de divisão musical de Paschoal Bona

(1816- 1878), mas ainda podemos encontrar a artinha de Fransisco Manuel da Silva (1795- 1865) e o método de solfejo de Rudolph (professor do Conservatório de Paris no século XIX). Na segunda fase, ele inicia o instrumento, concentra-se em métodos técnicos e depois no repertório da banda. Na última, ele passa a ensaiar com a banda até se tornar um membro oficial da mesma (BARBOSA, 2008: p.69).

Com isto percebemos que o enfoque do processo de ensino é na leitura de partituras e posteriormente na prática instrumental, a qual muitas vezes só proporciona ao aluno um conhecimento básico sobre os recursos e possibilidades do instrumento. Porém, atualmente muitos trabalhos têm surgido no intuito de garantir que novas metodologias sejam inseridas no processo de ensino musical das bandas, numa busca por uma metodologia com foco no ensino coletivo e que proporcione o contato com os instrumentos desde as primeiras aulas, garantindo que o aluno trabalhe a leitura e a prática instrumental de forma simultânea. BARBOSA, figura importante nos trabalhos desta área e autor do método de ensino coletivo “Da Capo”, destaca que “O ensino coletivo não só barateia o aprendizado como provê uma formação de alta qualidade” (2008: p.69).

Na Escola de Arte Musical de Raposos, a formação de novos músicos é conduzida por dois jovens músicos da banda, músicos que tiveram sua formação na banda e atualmente complementam a formação em uma escola de música da cidade vizinha. O processo de ensino e aprendizagem empregado na Escola de Arte Musical de Raposos se assemelha muito ao processo descrito por BARBOSA, composto por três fases consecutivas: leitura rítmica e melódica, iniciação ao instrumento e a participação nos ensaios. Na primeira fase, como ferramenta de auxílio para a abordagem dos elementos fundamentais para a leitura rítmica e melódica os professores fazem uso de tópicos do método “Princípios Básicos da Música para a Juventude” de Maria Luiza de Mattos Priolli. Ainda na primeira fase, o método “Pequeno Solfejo” de Eduardo Batiste e músicas do repertório da banda são utilizadas até se atingir um nível de leitura julgado necessário para a iniciação ao instrumento. Na segunda fase, o aluno aprende os recursos básicos do instrumento e após um trabalho inicial com escalas e métodos técnicos diversos o aluno começa a estudar o repertório da banda. Na terceira e última fase, o aluno começa a participar dos ensaios da banda e em pouco tempo passa a compor o grupo em suas apresentações.

No entanto, o processo de transmissão do saber das bandas não se restringe à sala de aula durante o processo de formação. Assim como em diversas práticas sociomusicais, podemos verificar nas bandas que diversos processos de transmissão do saber acontecem de acordo com o espaço e o contexto no qual se dão as performances. Há uma ligação direta entre banda e espaço público, elas estão presentes nos principais eventos cívicos e religiosos,

momentos nos quais suas práticas se estendem por ruas e praças e nos quais são exigidas algumas habilidades de seus integrantes, tais como tocar as músicas de memória. É diante desta realidade que desde cedo os alunos das bandas são forçados a desenvolver um trabalho de memória auditiva, seja para atender a demanda das apresentações envolvendo espaço público ou até mesmo pela ausência de partituras de determinados dobrados ou arranjos. Em muitos casos o conhecimento é transmitido através dos processos de imitação que se consolidam no momento da performance, no qual os alunos tomam como referência algum músico ou instrumento e buscam decifrar, reproduzir e memorizar os fragmentos melódicos que soam no momento da performance. Na escola de Arte Musical de Raposos, alguns dobrados que são tocados na rua não constam no arquivo de partituras da banda, isto contribui para que o processo de transmissão oral se consolide durante as performances.



Figura 1: Escola de Arte Musical de Raposos durante apresentação em 1948. Destaque para a não utilização de partituras durante a atividade.

Métodos de ensino coletivo como já citado método “Da Capo” buscam conciliar desde as primeiras atividades o trabalho de leitura, prática e memorização de trechos musicais. BARBOSA afirma que: a banda de música, com sua tradição centenária, sempre buscou atualizar-se com as inovações (2008, p.70). É com base nesta afirmação que constatamos que o processo de transmissão do saber nas bandas também caminha em busca de novas propostas, que possam atender às demandas por formação de novos músicos para os grupos. Ao passo que novas propostas são implantadas, aspectos típicos se mantêm na base do processo, tais como o ensino focado na leitura e prática instrumental e a existência de processos de transmissão que vão além do ensino formal planejado e que se consolidam no momento das performances.



4. Considerações finais

Neste trabalho observamos que as relações sociais que se consolidam durante as diversas atividades empreendidas pela banda, pautadas na identificação profunda com a sua música, criam um sentimento de pertencimento que garante a união do grupo e a manutenção das atividades por gerações. Vimos também, que com modelos de ensino que buscam adequar novas metodologias para suprir as necessidades dos grupos, elas seguem no intuito de garantir a constante renovação nos seus quadros de músicos. Ainda que tais metodologias novas venham sendo adotadas buscando-se maior eficácia no desenvolvimento de habilidades técnicas do instrumento e de leitura musical, a especificidade social e de performance das bandas fazem com que métodos informais de transmissão, constituídos socialmente ainda mantenham sua necessidade e valor.

Referências:

- BARBOSA, Joel Luis. Tradição e inovação em bandas de música. In: BIASON, Mary Angela (org.). SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDENCIAL, (1.), 2008, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008, p.64-71.
- BENEDITO, Celso José Rodrigues. *Banda de música de Faria: Perfil de uma banda civil através de uma abordagem histórica, social e musical de seu papel na comunidade*. São Paulo, 2005. 117f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, 2005.
- FAGUNDES, Samuel Mendonça. *Processo de transição de uma banda civil para banda sinfônica*. Belo Horizonte, 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, 2010.
- REILY, Suzel Ana. Bandas de sopro: um diálogo transcultural. In: BIASON, Mary Angela (org.). SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDENCIAL, (1.), 2008, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008, p.22- 31.
- RODRIGUES, Lutero. Coreto Paulista: I Festival de bandas em Serra Negra. O que foi e o que nos ensinou o evento. In: BIASON, Mary Angela (org.). SEMINÁRIO DE MÚSICA DO MUSEU DA INCONFIDENCIAL, (1.), 2008, Ouro Preto. Anais... Ouro Preto: Museu da Inconfidência, 2008, p.84- 88.
- SANDRONI, Carlos. *Feitiço Decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: UFRJ, 2001.